

DE ARTE BRASILEIRA
97 PANORAMA

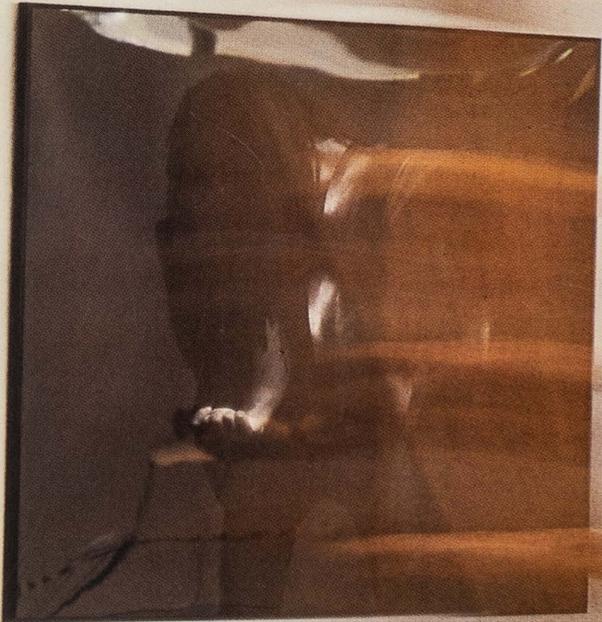
GRANDE PRÊMIO

Price Waterhouse

DE ARTE CONTEMPORÂNEA 1997



mam



Museu de Arte Moderna de São Paulo

CONCEBER E CRIAR.

GRANDE PRÊMIO
Price Waterhouse
DE ARTE CONTEMPORÂNEA 1997



IMPLEMENTAR E TRANSFORMAR EM ARTE VIVA.

Talvez a associação entre estas palavras não seja imediata, mas no fundo têm a mesma conotação: Price Waterhouse concebe e implementa. O artista cria e transforma em arte viva.

Nesta segunda edição do "Grande Prêmio Price Waterhouse de Arte Contemporânea 1997", nossa organização busca, mais uma vez, a representação artística perfeita de sua proposição empresarial - concepção e implementação multidisciplinares - no âmbito do multidisciplinar Panorama de Arte Brasileira, a mais tradicional mostra do mam-SP.

Nossos premiados de 1997, Mário Cravo Neto e Paulo Pasta, exibem seus talentos na fotografia e na pintura. Duas disciplinas que, muito distintas, guardam em comum a genialidade da concepção e a excelência da implementação.

Os sócios de Price Waterhouse - Brasil agradecem a Gilberto Chateaubriand e a Cacilda Teixeira da Costa por terem cedido seus reconhecidos talentos ao julgarem, mais uma vez, o "Grande Prêmio Price Waterhouse de Arte Contemporânea".

O nome Price Waterhouse vem representando credibilidade há 150 anos. A sua independência de opinião é reconhecida e consagrada em todos os continentes. Estes atributos fortalecem a capacidade que a organização Price Waterhouse tem de conceber e implementar. A Price Waterhouse só propõe soluções e apresenta concepções quando se julga plenamente capacitada para assumir sua implementação. Esta, sem dúvida, é a grande metáfora da ética que circunscreve o seu nome!

PARABÉNS AOS VENCEDORES,

MÁRIO CRAVO NETO E PAULO PASTA!

MÁRIO CRAVO NETO





As fotos de Cravo Neto brotam encarnadas no universo mítico da cultura afro-brasileira gestada na Bahia. Mas, que o leitor não se engane: elas não documentam fiéis em transe, animais sendo sacrificados, danças rituais - cenas das quais já estamos por aqui. Não. Cravo Neto busca o âmago da mitologia afro-brasileira e, para tentar flagra-lo em toda a sua intensidade dramática, retira de suas imagens o caráter circunstancial dos eventos religiosos.

Os personagens que retrata são os deuses e semi-deuses de origem afro, apartados das contingências da realidade, percebidos num espaço sem tempo - um universo só passível de ser captado com eficácia pelas modalidades artísticas do plano (desenho, pintura, fotografia, etc.). Cravo Neto, utilizando-se da fotografia em preto e branco, tem sabido reorganizar aquele panteão, não como o documentarista típico, afastado do seu objetivo, preocupado apenas em registrar o "belo" em manifestações populares e/ou "atrasadas", mas como alguém que, sinceramente mergulhado naquele universo mítico, retira deles ícones que atestam sua existência e o revencia de forma poética.

Nesse processo que brota entranhando da realidade mais profunda do objeto que aborda, Mario Cravo Neto demonstra, inclusive, sua capacidade de universalizar a mitologia afro-brasileira, apontando possibilidades de elos inequívocos entre ela e as mitologias de outros povos.

Frente àquelas fotos tão afro-brasileiras, tão genuinamente representativas do universo mítico baiano, impossível o espectador não ser remetido, por exemplo, ao igualmente complexo sistema mitológico greco-romano, povoado de personagens como Leda e o Cisne, Cronos, Júpiter e outros.

Tadeu Chiarelli

Publicado no Jornal da Tarde em 1994.

A SOMA DO PASSADO

Talvez o que estas pinturas apresentem como novidade no meu trabalho - ou como variação para um velho problema - seja a tentativa de criar diferenças e contrastes, quebrar uma tonalidade geral pelo uso de uma segunda e de uma terceira cor.

Minhas pinturas anteriores (penso nas que apresentei na XXII Bienal de São Paulo) tinham uma uniformidade maior. Variavam os tons, não as cores. Monocromáticas por terem sido pensadas como tal, elas não eram. Mas ficava difícil romper com o lugar ideal, sem fraturas, que elas propunham. Resolviam-se quando quase desapareciam, ficavam visíveis quando quase invisíveis.

Não que estas agora tenham mudado muito, mas estão mais conformadas com as diferenças. Uma cor a mais é uma escolha, um limite e, apesar do lugar-comum, penso que elas, assim, mais limitadas, ficariam também mais livres.

As negações e as áreas escondidas continuam, mas a partir do momento em que tiveram o espaço (sempre estou tentando pintar um lugar) mais bem definido pelo uso do que parecem ser colunas, formas mais uniformes, as cores puderam também variar.

A minha maior dificuldade está nisto: fazer as paisagens entre as cores criar a convivência entre as diferenças. Desconfio das ações momentâneas, dos atos bruscos, e procuro sempre a ordem. Luto para que todas as partes encontrem seus lugares pacificados. Fazendo ajustes nesse sentido, a pintura tende a iludir, como se estabelecesse uma espécie de "sursis", de suspensão temporal. Algo como se o presente não existisse, ou fosse a soma do passado com a projeção de futuro (o falado plano pictórico não seria isto? Também ele não é uma ilusão?).

Minhas pinturas são lentas. Digo que são dia após dia, tinta sobre tinta, mesmo as cores, embora saturadas, não são do mundo, das coisas.

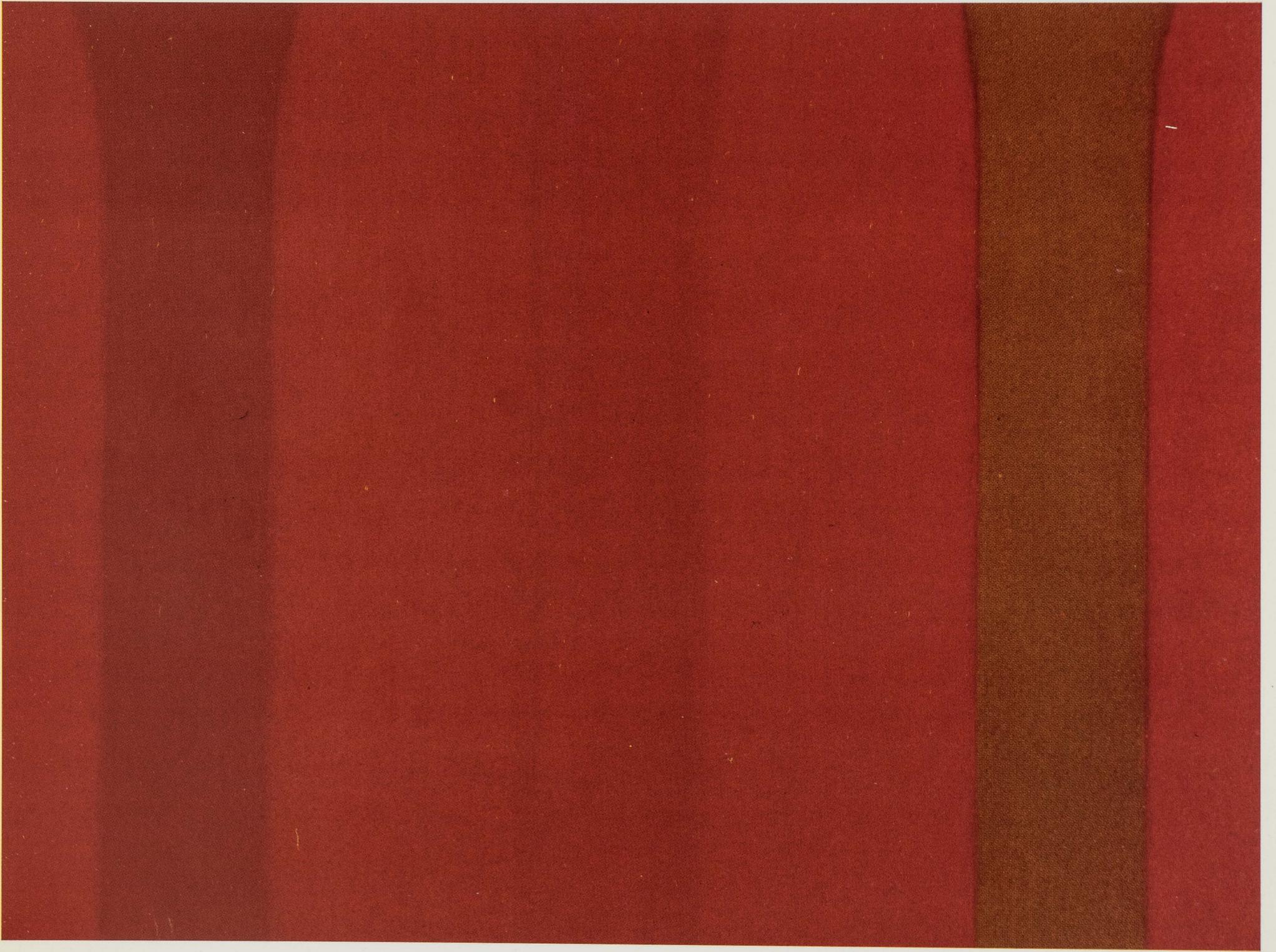
Ela resulta assim - a pintura - meio sepultada nela mesma, cheia de pudor e decepção. A vitalidade que possui seria meio às avessas, e, se existe rebeldia, acho que está nessa dificuldade em deixar ver.

Já que boas idéias não fazem boas pinturas, e nada mais pedante que tematizar dificuldades, o que quero é compreender melhor e levar adiante o que faço. Decantar no trabalho as minhas vontades. Arrancar aquilo que Manuel Bandeira nomeou tão bem no poema *Resposta a Vinícius*:

*"Este anseio infinito e vão
de possuir o que me possui."*

Paulo Pasta, 1996





mam

Parque Ibirapuera portão 3
São Paulo cep 04094-000 SP
tel.(011) 549 9688

www.itaucultural.org.br/mamsp



50anosmam